

Discursos de sala de aula e da mídia na construção das masculinidades

Alan Carvalho Costa*
Universidade Federal do Rio de Janeiro
CNPq/FAPERJ

Resumo

Questões envolvendo gênero têm sido cada vez mais observadas na mídia, apontando para o surgimento de um novo homem (Badinter 1993). O surgimento dessa nova identidade masculina é teoricamente explicado por uma visão sócio-construcionista das identidades sociais que as entende como fragmentadas, contraditórias e fluidas, sujeitas, portanto, a renegociações. A partir disso, este trabalho procura estudar a construção discursiva das masculinidades em uma turma de 5ª série de uma escola pública do Rio de Janeiro, comparando-a com os discursos da mídia. Para tanto, adotam-se uma metodologia etnográfica de pesquisa e uma visão polifônica do discurso, na linha de Bakhtin.

Introdução

A presença constante de questões envolvendo gênero, na mídia, motivou-me a desenvolver este trabalho, que estuda as identidades masculinas, entendendo-as como construídas socialmente, em práticas discursivas. Sob a ótica adotada neste trabalho, em que as identidades são consideradas fragmentadas, contraditórias e em fluxo, sofrendo constantes transformações, o surgimento desse *novo homem* (Badinter 1993), muito presente na mídia, pode ser plenamente entendido.

O objetivo deste trabalho é investigar se nos discursos dos alunos estudados está refletido o que se observa nos meios de comunicação sobre a existência de um novo homem, ou se a construção de suas masculinidades é dada na direção da masculinidade hegemônica. Para a efetivação do trabalho, adota-se uma visão polifônica do discurso, na linha de Bakhtin.

Dou início ao trabalho discorrendo sobre o novo homem mencionado por Badinter (1993) e a crise do modelo hegemônico masculino mostrada na mídia, mencionando as

particularidades envolvidas na sua construção (item 2). No item 3, discuto a natureza sócio-construcionista das identidades sociais, i.e., de como elas são construídas na interação verbal, levando em consideração o modelo polifônico bakhtiniano; no item 4, descrevo o contexto de pesquisa e a metodologia de cunho etnográfico adotada na coleta dos dados. No item 5, analiso os dados, e os resultados da pesquisa são mostrados no item 6, onde concluo que o discurso da masculinidade hegemônica na escola ainda se sobrepõe ao discurso sobre o novo homem observado na mídia.

O novo homem e a mídia

Ultimamente, tem-se falado muito na decadência da representação social do homem (Nolasco¹), na defasagem do modelo tradicional masculino (Badinter 1993), na *crise do macho* (Goldenberg 2000) etc. São diversas as formas de se tratar um assunto muito presente nos meios de comunicação, na atualidade: a crise do gênero masculino. Um processo do qual emergiria o que Badinter (1993) denomina *um novo homem*, que seria capaz de reconciliar seus aspectos masculinos e femininos, sem que um destes tenha que ser apagado. Como motivos para tal mudança fala-se da emancipação feminina, da ausência do pai, da defasagem do modelo patriarcal e até mesmo da árdua tarefa que envolve a construção do modelo hegemônico da masculinidade, ainda muito presente nas sociedades pós-modernas.

A importância conferida ao gênero como forma principal de identificação (Badinter 1993: 8) e sua imediata associação com a sexualidade² talvez expliquem a grande repercussão que adquire uma questão que envolva essa categoria, e sua presença constante na mídia. É comum vermos reportagens que tratam do assunto, como a entrevista do psicoterapeuta Sócrates Nolasco, concedida à revista *Isto É*, na qual ele relaciona a crise do modelo hegemônico da masculinidade³ ao fato de o homem ter perdido sua importância no passado recente, inclusive no campo da sexualidade. Segundo ele, com os avanços

* A pesquisa relatada aqui foi desenvolvida durante minha bolsa de Iniciação Científica (CNPq) junto ao Projeto Discurso, Narrativa e Construção das Masculinidades na Escola, localizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenado pelo Prof. Luiz Paulo da Moita Lopes, meu orientador, com o apoio do CNPq (523548/96-6) e FAPERJ (E-26/151.6689/2000 – Programa Cientistas do Nosso Estado). Os dados utilizados são, portanto, parte do acervo do referido projeto.

¹ Em entrevista concedida à Revista *Isto É* no dia 8 de agosto de 2001.

² Segundo Badinter (1993: 99), *a definição de gênero implica espontaneamente a sexualidade*.

tecnológicos, o homem se torna *objeto de entretenimento*, uma vez que ele não é mais necessário na reprodução, tornando o sexo restrito ao prazer, o que origina a *sexualidade plástica*, nos termos de Giddens (1993).

É muito comum observarmos nos meios de comunicação modelos menos tradicionais de ser homem (o *Homem frágil*, no jornal *O Globo* de 15/04/2001, a *Sensualidade masculina*, no *Jornal do Brasil* de 06/05/2001) e de ser mulher, relacionados a diversos fatores, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, por exemplo, o que geraria uma inversão das tarefas assumidas por homens e mulheres na sociedade.

Entretanto, segundo Badinter, ainda são muito veiculados pela mídia estereótipos masculinos e femininos, o que origina, junto com a ação de algumas instituições, discursos sobre tarefas específicas para homens e mulheres, evidenciando-se uma necessidade de diferenciação entre os dois gêneros⁴: às *perguntas o que é um homem? O que é uma mulher?*, a criança responde enunciando papéis e funções, em geral estereotipados e oposicionais (Badinter 1993: 62-63). Nesse sentido, o homem é visto como ativo, racional e provedor do lar, em oposição à mulher, passiva, submissa e emotiva, o que a capacita a cuidar dos filhos do casal.

O homem reconciliado a que Badinter se refere seria aquele que conseguisse unir o que foi separado pela ação dos discursos mais tradicionais das instituições. Ele é fruto de mudanças ocorridas na pós-modernidade, tais como o feminismo e a conseqüente defasagem do modelo patriarcal familiar. Como efeito da divisão das tarefas do lar entre pai e mãe e com a maior participação do pai na criação do filho, ter-se-ia um homem capaz de reconciliar as virtudes entendidas tradicionalmente como masculinas e femininas, sem que uma anule a outra.

É importante esclarecer que o processo de construção do modelo da masculinidade hegemônica, ainda muito presente em instituições como a família, é problemático e bem diferente do processo de construção da feminilidade. Desde jovens, os meninos são submetidos a constantes provações de virilidade, observando-se uma preocupação que evidencia traços de misoginia e homofobia. A *negação tríplice* mencionada por Badinter (1993) define bem a particularidade da aquisição dessa identidade masculina: *Por três vezes, para afirmar uma identidade masculina, deve convencer-se e convencer os outros de que*

³ É interessante frisar que Nolasco considera o novo homem *um produto da mídia*.

⁴ Hearn (1996) considera a dicotomia homem/mulher uma dicotomia simplista, que visa, segundo Wittig

não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual (Badinter 1993: 34).

Isso mostra que a masculinidade hegemônica é construída preponderantemente em oposição ao que é feminino, pois tanto o bebê (por sua passividade e proximidade da mãe) quanto o homossexual guardam traços femininos. Com as meninas, no entanto, o processo de aquisição de suas identidades não envolve qualquer espécie de provação.

A explicação para a conturbação que cerca a aquisição da masculinidade hegemônica está também em seu caráter normativo. Moita Lopes (1998) considera a masculinidade (hegemônica) central na compreensão da construção de gênero e da sexualidade. Segundo ele, esse é o critério de comparação utilizado para a construção da feminilidade e da sexualidade, visto que a masculinidade (junto com a heterossexualidade) constitui uma norma. É por esse motivo que observamos todo o rigor envolvido na construção da masculinidade hegemônica, por meio da qual são formuladas regras que não permitem exceções, o que caracteriza a dificuldade em se obedecer a esse modelo, e constitui um poderoso argumento usado para explicar a crise da masculinidade.

O caráter sócio-construcionista do surgimento do *novo homem*

O surgimento do *novo homem* discutido anteriormente é explicado por uma visão sócio-construcionista das identidades sociais. Essa visão leva em conta o caráter social da construção das identidades, uma vez que são construídas *em práticas discursivas, situadas na história, na cultura e na instituição* (Moita Lopes 2000: 4). Nessa concepção, desconstrói-se uma visão essencialista, observada nas sociedades modernas, na qual as identidades eram consideradas homogêneas, adotando-se uma visão mais adequada à modernidade tardia, em que se fala em flexibilidade, pluralidade e heterogeneidade. Segundo Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas (Hall 2000: 37).

Ao se abandonar uma visão essencialista das identidades, deve-se, portanto,

(1992) (*apud* Hearn, 1996: 212), *uma heterossexualização dos arranjos sociais*.

considerar sua complexidade. Um indivíduo não pode ser definido somente pelo seu gênero, por exemplo. Ele também pertence a uma classe social, possui uma identidade de raça, sexualidade etc. Sua identidade sexual pode inclusive ser, até determinado momento de sua vida, heterossexual, tornando-se mais tarde homoerótica, ou vice-versa. Nesse sentido, as identidades sociais são entendidas como fragmentadas, contraditórias, inacabadas e abertas; sujeitas, portanto, a renegociações. Dessas renegociações, poderiam emergir novas identidades sociais, que fugiriam aos padrões perpetuados na cultura, como o modelo da masculinidade hegemônica, por exemplo, gerando o homem reconciliado, já mencionado. Badinter, adotando uma visão sócio-construcionista das identidades, leva em conta a dinamicidade da identidade masculina e explicita bem a possibilidade de renegociação presente em sua construção discursiva: *se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar (Badinter 1993: 29).*

No entanto, o processo de renegociação é delicado, pois envolve o confronto de diferentes discursos na (co-)construção das identidades, e que envolve a ação mútua de seus participantes nas práticas discursivas em que esses se engajam, ao construírem suas identidades e a de seus interlocutores. Moita Lopes (2000: 6) dá grande importância à alteridade ao considerá-la *um fator central na construção de nossas identidades*. Para Bakhtin, *o eu necessita da colaboração do outro para poder-se definir e ser autor de si mesmo (apud Stam 1992: 17)*. Isso evidencia a importância da participação do outro na construção das identidades sociais, visto que essa se dá na interação verbal (cf. Stam 1992), entre os participantes do discurso, que constroem mutuamente suas identidades e vão agir na conversa por meio de discursos e contra-discursos (Moita Lopes 2000: 5).

O processo da construção do eu, para Bakhtin, envolve ainda relações mais complexas. De acordo com sua visão polifônica do discurso, nosso enunciado está repleto de outras vozes, provenientes de discursos anteriores realizados por outras gerações:

Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal (...) Cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros (Bakhtin 1986 apud Stam 1992: 73).

Sendo assim, os indivíduos construirão suas identidades de acordo com as vozes

predominantes nos seus discursos e nos de seus interlocutores, ao se engajarem no processo dialógico e social da construção de suas identidades sociais, no qual discursos anteriores serão reiterados ou refutados.

Neste trabalho, uso essa concepção de polifonia visando especificamente a voz da mídia e de algumas instituições. Procuo descobrir qual delas está mais evidente nos enunciados dos alunos, e a influência que a voz preponderante possui sobre a construção de suas identidades masculinas. Com isso, observo no discurso dos alunos se suas identidades estão sendo construídas na direção do novo homem mencionado por Badinter (1993), ou se prevalece o discurso do modelo hegemônico da masculinidade.

Contexto e metodologia de pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede federal, localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, em uma turma de 5ª série, constituída por alunos de classe média, durante aulas de língua materna. A escolha por alunos (17 meninas e 21 meninos) desta faixa etária (entre 11 e 12 anos) é apropriada para o propósito investigativo da construção das identidades sociais, pois a pré-adolescência constitui um período importante na definição das identidades (sobretudo sexual e de gênero), devido ao contato dos alunos com uma diversidade de discursos provavelmente não experimentada até então (Moita Lopes 2000: 11).

A pesquisa é de cunho etnográfico, estando os pesquisadores, portanto, inseridos no contexto de pesquisa. Esse modelo etnográfico de pesquisa é apropriado para se entender a vida social, posto que esta só pode ser compreendida a partir da aproximação do pesquisador com a rotina do pesquisado.

Os dados foram coletados por meio de gravações de áudio, focalizando 18 horas de conversas públicas e 60 horas de práticas privadas realizadas pelos alunos. Há ainda notas de campo feitas pelos pesquisadores e 4 horas de entrevistas centradas no grupo, nas quais o pesquisador faz perguntas aos alunos sobre tópicos que envolvam identidade que tenham surgido durante as aulas. É a partir das entrevistas de tipo foco no grupo que procuro investigar se é o discurso da masculinidade hegemônica, ou se é o discurso da mídia, em que se fala de modelos de ser homem menos tradicionais, que está presente no discurso dos alunos, contribuindo para a construção de suas masculinidades.

Análise dos dados

Nesta seção, passo a analisar os dados coletados no contexto escolar mencionado no item anterior. Eles serão analisados sob a luz da base teórica discutida acima, focalizando-se aspectos da construção social do gênero masculino, levando-se em conta o conceito de polifonia de Bakhtin, o discurso da masculinidade hegemônica e o discurso menos conservador sobre gênero, presente na mídia.

Importante esclarecer que visões tradicionais sobre gênero na mídia, coexistentes com as supracitadas, não constituem meu enfoque, pois concentro minha análise em articulações mais contemporâneas sobre gênero (ainda que isso não seja preponderante nos meios de comunicação), visando seu reflexo sobre o discurso dos alunos. Para tanto, confrontarei os discursos dos alunos pesquisados com o que se observa em várias reportagens sobre a nova identidade masculina (Badinter 1993; Goldenberg 2000), procurando depreender se em seus enunciados observa-se a voz menos conservadora da mídia ou se são discursos sobre a masculinidade hegemônica os predominantes.

Início a análise destacando uma das reportagens sobre o surgimento do novo homem, que reflete discursos muito comentados na mídia.

Reportagem (*Jornal do Brasil*, 06/05/2001)

Sensualidade masculina

(01) Em meio a uma *revolução sensual* particular, os homens estão descobrindo que podem
 (02) usar e abusar do charme sem deixar de lado a masculinidade.
 (03) A sensualidade masculina está saindo do armário. Devagar. Pé ante pé, cuidadosamente. (04) Trancados a sete chaves por séculos de repressão cultural, os homens estão descobrindo (05) que podem ser viris, sem, contudo, perder a ternura jamais
 (06) Mas não é fácil. Historicamente, o homem vem sendo ensinado que o determinante na
 (07) sexualidade é o exercício da genitalidade. Uma visão imposta pela dominação do sistema (08) patriarcal – e reducionista.

(09) O ator Juan Alba não se deixa abater. Para ele, se antes não havia espaço para o homem 10 demonstrar sua sensualidade (...), hoje em dia até as mulheres são mais viris no seu (11) comportamento, mais determinadas – e continuam femininas.

Na reportagem acima, fala-se de uma mudança no comportamento masculino imposto pelo sistema patriarcal (linhas 06 a 08), em direção a um homem que expresse mais seus sentimentos e sua sensualidade (*a masculinidade está saindo do armário*, linha 03). Essa transformação teria sido motivada pela queda do patriarcado, em que a sexualidade pressupunha o exercício de *genitalidade* (linha 07), uma visão reducionista da sexualidade masculina, de acordo com a matéria (linha 08). A partir dessa mudança, a sensualidade constituiria umas das formas possíveis de o homem expressar sua sexualidade sem que tenha sua heterossexualidade ameaçada (*abusar do charme sem deixar a masculinidade de lado*, linha 02; *ser viris, sem, contudo, perder a ternura jamais*, linha 05), dando-se o direito de ser sensível. Com isso, características tradicionalmente entendidas como femininas ou masculinas seriam reconciliadas, o que geraria homens mais sensíveis, diante das mulheres *mais viris* presentes na sociedade atual (linha 10), i.e., novos modelos de identidades de gênero que fogem a estereótipos masculinos e femininos, presentes na tradição.

A seguir, passo a comparar os discursos observados na reportagem acima com os dos alunos, observados nas entrevistas tipo foco no grupo (que descrevi anteriormente). Ainda que vá focalizar só duas seqüências devido a espaço editorial, os resultados discutidos abaixo são recorrentes nos dados.

Seqüência 1 (entrevista com foco no grupo, 22/11/1999)⁵

Ele é mais esperto do que a menina

01 P: Hein,/ Chandler,/ quer dizer que // menino não pode ficar em casa quieto?//

02 Chandler: Ah,/ pode,/ mas todo dia não.//

03 P: Menino é pra fazer farra./ É isso?// E se uma menina for muito // levada?// Chegar,/

04 sair,/ // fazer um monte de coisa que // o que você acha disso?//

⁵ Legenda adotada na transcrição: [[inint]] - trecho ininteligível; / - pausa simples, // - pausa longa; (...) - trecho omitido; P: pesquisador. Por questões de ética, os nomes dos alunos são fictícios.

- 05 Chandler: Que o pai tem que prender ela.//
- 06 P: O pai tem que prender./ Por quê?//
- 07 Chandler: Ah,/ porque tem.//
- 08 Janice: Ah,/ porque ela vai ter riscos.//
- 09 P: E o menino não tem riscos?//
- 10 Chandler: Tem.//
- 11 Janice: Ah,/ ele tem,/ mas ele é mais esperto do que a menina.//
- 12 P: Você acha que o / menino é mais esperto do que a menina?//
- 13 Janice: Acho.//
- (...)
- 14 P: Hein,/ Janice,/ você acha que as meninas são / mais / o pai tem que ter mais cuidado
- 15 com as meninas?//
- 16 Janice: Acho.//
- 17 P: Mas você acha que isso é porque a sociedade quer,/ ou porque / ou porque é da
- 18 natureza das meninas?//
- 19 Janice: Da natureza das meninas.//
- (...)
- 20 P: E com os meninos não é perigoso?//
- 21 Ross e Chandler: [[inint]]
- 22 Janice: Eu acho que quando a menina começa a namorar,/ ela se envolve muito,/ e se / a
- 23 mãe falar pra ela que a pessoa que ela tá namorando não é certa pra ela,/ mas ela tá
- 24 envolvida com aquela pessoa,/ ela acha que é / um Deus pra ela./ Ela vai continuar,/
- 25 mas só que se a mãe não deixar,/ ela continua escondida.//

O tópico focalizado nessa seqüência diz respeito a namoro, mais especificamente aos limites impostos pelos pais a meninos e meninas quando se trata desse assunto. Nos dados, observa-se que existe um protecionismo dos pais em relação às meninas (linhas 05 a 08), enquanto que aos meninos é concedida maior liberdade. Esse protecionismo é inclusive reiterado no discurso feminino (adotando-se a polifonia bakhtiniana do discurso), como se vê nos momentos em que Janice usa um artifício muito presente no discurso da masculinidade hegemônica para justificar a maior preocupação dos pais com elas: nas linhas 09, 14 e 15, quando indagada a respeito da razão para a menor preocupação sobre os

meninos, se eles não estariam expostos aos mesmos riscos, ela diz que os meninos são mais espertos do que as meninas (linha 11); mais adiante, ela relaciona o fato de os meninos poderem namorar mais do que elas à *natureza das meninas*⁶ (linha 19), voltando a relacionar o protecionismo familiar ao fato de as meninas se envolverem muito no namoro (linhas 22 a 25).

A partir da análise, depreende-se que um discurso afastado do tradicional observado na reportagem acima sobre *homens mais sensíveis e mulheres mais viris* ainda não se reflete nos alunos, uma vez que os meninos são considerados *mais espertos* e as meninas mais envolvidas no namoro, características tradicionalmente entendidas como masculinas e femininas, respectivamente.

Seqüência 2 (entrevista com foco no grupo, 19/11/1999)

Essas coisas de mulher

01 Mônica: É uma carta que ele recebeu.//

(...)

02 P: E o que ela escreveu?//

03 Ross: Linda carta.//

04 Joseph: Não é não.//

05 [[Risos]]

06 P: Mas o que ela escrevia,/ Joseph?//

07 [[Silêncio]]

08 P: Você não quer falar?//

09 Joseph: Ah!//

10 Rachel: Eu conto.//

11 [[Barulho]]

12 Joseph: Essas coisas de mulher.//

13 P: Pera aí,/ Joseph./ Vamos falar uma coisa./ Eu tô muito interessado,/ pra gente é

14 importante,/ você quer cooperar?//

15 Joseph: Eu tô falando.//

⁶ Embora o fato de a aluna repetir as palavras do pesquisador possa sugerir que sua fala não é espontânea, pode-se ver, desde o início da seqüência, que Janice corrobora uma visão essencialmente sobre gênero, como

- 16 P: Pô,/ eu tô achando o máximo./ Acho que você devia / / você não acha legal uma
 17 pessoa querer saber o que o outro pensa?/ /
 18 Joseph: É./ /
 19 P: Dá pra você contar o que era a carta?/ Foram coisas de mulher?/ /
 20 Joseph: Ah,/ é./ Escreveu aquelas coisas que gosta de mim,/ que me ama e bá, bá, bá,/ e
 21 [[inint]]

Nessa seqüência, o centro das atenções é Joseph, que recebeu uma carta romântica de uma menina. A notícia é dada por Mônica na linha 01, o que desperta o interesse do pesquisador, que passa a pedir que ele lhe forneça mais detalhes sobre a carta. Quando Joseph é indagado sobre seu conteúdo, Ross logo emenda que se trata de uma *linda carta* (linha 03). Na linha seguinte, Joseph nega tal fato e, a seguir, fica em silêncio ao ser perguntado novamente sobre o que havia escrito na carta. Até que ele resolve falar, e descreve o que havia na carta como *aquelas coisas que gosta de mim, que me ama e bá, bá, bá* (linhas 20 e 21), ao que se referiu anteriormente como *essas coisas de mulher* (linha 12), mostrando uma visão essencialista das identidades, em que se associam tipos de comportamento – notadamente aqui adjetivos sentimentais – ao gênero feminino. Aqui, podemos observar a ação do discurso hegemônico da masculinidade sobre seu enunciado no momento em que ele procura não dar valor à carta. Uma inibição ligada ao medo de deixar transparecer algum traço que o associe ao gênero feminino e ameace sua sexualidade heterossexual pelo simples fato de ele ter gostado da carta, ainda que seja de uma mulher.

Essa identidade masculina, construída sob a ação do discurso da masculinidade hegemônica, contrasta com o que se observa na reportagem sobre um homem mais sensível, fruto da defasagem do sistema patriarcal, e que não veria nenhum problema em assumir sua emotividade.

Considerações finais

A partir das análises feitas pôde-se extrair conclusões significativas no que diz respeito à influência dos discursos tradicionais sobre a construção das masculinidades. Ao se confrontar um exemplo de discurso muito presente na mídia e o dos alunos, observou-se

na linha 11, por exemplo.

o afastamento dessas visões menos tradicionais de seus discursos, e a clara superioridade que possuem os discursos da masculinidade hegemônica diante dos que são observados nos meios de comunicação. Na mídia, observa-se uma grande circulação de matérias que falam de uma nova identidade masculina, proveniente de uma crise no seu modelo tradicional, na qual se abandonam estereótipos de homens e mulheres, e há uma inversão das tarefas assumidas na sociedade pelos dois gêneros, condicionada pela defasagem do modelo patriarcal, o que não é verificado no discurso dos alunos.

Algo muito presente no discurso dos alunos, que consagra essas identidades tradicionais, são visões estereotipadas de homens e mulheres, nas quais determinados comportamentos são diretamente ligados a cada gênero, o que constitui um poderoso artifício do discurso da masculinidade hegemônica, que visa, entre outras coisas, o domínio do gênero masculino sobre o feminino, como se pôde ver no maior policiamento dos pais sobre as meninas. Observou-se que esse controle é inclusive reiterado no discurso feminino, o que dificulta qualquer espécie de (re-)negociação.

Como resultado da ação desses discursos tradicionais, obtém-se uma identidade de gênero masculino, em que se observa um temor em se assemelhar com alguma característica que possa remeter à feminilidade e, por extensão, à homossexualidade, uma vez que a construção da masculinidade hegemônica se dá em oposição ao que é feminino. Isso contraria a concepção do novo homem mencionado por Badinter (1993) e muito presente no discurso da mídia, que uniria aspectos como sensibilidade e virilidade na construção de sua identidade masculina, mais adequada a uma visão heterogênea das identidades sociais.

Referências bibliográficas

- BADINTER, Elisabeth (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BAKHTIN, Mikhail (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Editora Hucitec.
- CONNEL, R. W. (1995). *Masculinities*. Cambridge, Polity Press.
- GIDDENS, Anthony (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo, UNESP.
- GOLDENBERG, Mirian (2000). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro, Record.
- HALL, Stuart (2000). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da

Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A.

HEARN, Jeff (1996). *Is masculinity dead? A critique of the concept of masculinity / masculinities*. In: MAC AN GHAIL, Máirtín. *Understanding masculinities*. Buckingham, Open University Press.

MOITA LOPES, L. P (1998). *Discursos de identidade em sala de aula de leitura: a construção da diferença*. In: Signorini, I. *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas, Mercado de Letras.

_____. (2000). *Discurso, Narrativa e Construção de Masculinidades na Escola. Projeto Masculinidades*. Projeto Integrado de Pesquisa, CNPq (2000 - 2004).

STAM, Robert (1992). *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo, Editora Ática.